

A RESISTÊNCIA E A EXPERIÊNCIA SOCIAL DOS TRABALHADORES RURAIS: OS ANTECEDENTES DA CRIAÇÃO DOS SINDICATOS.

MARIA JOSÉ DOS SANTOS¹

Este artigo buscou refletir sobre o surgimento da organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na BR-210, conhecida como Perimetral Norte, no período de 1975 a 1990. Neste processo a migração foi analisada enquanto uma importante estratégia de resistência frente a um longo processo de expropriação da terra em seus estados de origem esta interpretação foi proporcionada pela utilização da História Social que viabiliza o estudo das múltiplas formas de organização, resistências e luta, valorizando a identidade e a experiência como parte da reflexão investigativa da construção social. A utilização da história de vida foi importante para identificar as estratégias de sobrevivência, estas foram analisadas enquanto resultado de conflitos, contradições e construídas no tempo, no espaço e no cotidiano. Após o acesso à terra, as vicinais e lote tornaram-se o espaço de convivência e surgimento da (re) organização de suas vidas e posteriormente de sua organização política.

Palavras-Chave: Camponeses, Sindicalismo Rural e Resistência.

¹PROFESSORA DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR, MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM.

ORGANIZAÇÃO E LUTA DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS: OS ANTECEDENTES DA CRIAÇÃO DOS SINDICATOS RURAIS EM RORAIMA.

Num país dominado pelo latifúndio, com um profundo desprezo voltado por sua elite aos homens humildes, a busca da terra será necessariamente difícil e muitas vezes violenta. Desta forma (...) a construção do Brasil como nação democrática e republicana, com a superação de uma imensa dívida social, deverá passar pela mudança do sistema de propriedade da terra.

Maria Yedda Linhares

No Brasil vivencia-se uma das maiores concentrações agrárias do mundo, o que explica em parte os constantes conflitos, assassinatos e manifestações públicas, provocados pela questão agrária evidenciando a necessidade de um debate nacional sobre a distribuição e redistribuição da terra e as condições sociais no campo.

A questão agrária em todo o País, especialmente na Região Amazônica, vem sendo alvo de constantes discussões e debates sobre qual o melhor modelo de exploração a ser seguido, onde a proposta vencedora até o momento tem sido a do agronegócio. Dentro desse contexto tem havido resistências por parte das populações tradicionais: seringueiros, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, dentre outros, emergidos principalmente a partir do início da década de 1980. Estes movimentos tiveram como consequência o aumento dos índices de conflitos e assassinatos de lideranças rurais.

Estes conflitos foram e são mais intensos nos Estados de Rondônia, Pará e Acre, neste último a resistência e organização dos seringueiros são históricas na luta contra a expropriação dos seringueiros e a destruição da floresta pelos empresários do agronegócio, madeireiros e especuladores. No estado do Pará estes conflitos rurais ficaram mais evidentes a partir da divulgação na mídia de vários assassinatos de trabalhadores e militantes dos movimentos sociais do campo, exemplo disso foi a chacina de Eldorado dos Carajás em 1996.

No Estado de Roraima a organização social e política dos trabalhadores e

trabalhadoras rurais foram silenciadas, descaracterizadas e estigmatizada principalmente sob dois aspectos: ora como “migrantes pobres”, “maranhenses despossuídos”, “gaúchos pobres”, “vítimas das políticas militares para a Amazônia”, “camponeses trazidos pelo INCRA”, ora até mesmo como, “preguiçosos”, “transgressores das leis que vendiam seus lotes”, “criminosos por serem considerados os devastadores da floresta”.

Neste sentido este artigo buscou contribuir com a História dos antecedentes da organização política sindical do trabalhadores e trabalhadoras rurais em Roraima. Partiu-se da migração, a conquista da terra, a luta em permanecer na terra, momentos importantes para a o surgimento dos movimentos sociais dentre estes os sindicatos rurais.

Neste processo selecionaram-se algumas estratégias desenvolvidas por estes dentre estas a migração que foi analisada como uma forma de resistência e luta, não somente contra o processo de expropriação dos camponeses e a imposição do capitalismo no campo, mas foi uma luta pela sua identidade, seus costumes e tradições frente uma conjuntura estrutural histórica de expropriação da terra.

As palavras a seguir de Argemiro de Souza refletem que existiam alternativas, e a migração para a Amazônia representava apenas uma delas:

Eu fui cedo morar em São Paulo, trabalhei na usina do Francisco Matarazzo na Fazenda Santa Rosa, na época era uma das maiores do país. Lembro-me que dormia numa pensãozinha, não tinha casa, e de madrugada o caminhão pegava a gente pra ir trabalhar, mas era difícil. Depois trabalhei na empresa Camargo Correa em construção e várias outras firmas. Mas trabalhar na terra é questão de gosto, mas eu gosto.

Aqui na terra a gente sabe plantar, viver bem, sobreviver bem, criar nossos filhos com fartura, trabalhando junto com a família, os sogros, genros, trocando dias com eles, o serviço de dois é mais que três não é? A nossa vivência na floresta nos ensinou isso desde cedo. Como eu, eu já sou filho de rural e já trabalhei muito nas roças, aprendi muito com meu pai. (...) Cheguei aqui na beira do Anauá comprei a terra, trabalhei, trabalhando mesmo duro e enfrentando as dificuldades. Conheci minha esposa aqui, casamos, hoje vivo com minha família, meus netos e temos nossa própria terra, casa e eles (filhos) também têm a deles. Apesar de nos sentirmos abandonados pelo governo, a gente foi melhorando de vida².

² Entrevista com o senhor Argemiro de Souza, trabalhador rural e migrante oriundo da Bahia. Vila Moderna, Município de São Luiz do Anauá (RR), janeiro de 2009.

As palavras do senhor Argemiro evidenciam que a migração é resultado de uma escolha e que a relação com a terra não é determinada apenas pela necessidade de trabalho ou a falta dele, mas também pela identidade, representa muito mais do que conseguir trabalho e emprego.

Em outras palavras, estes migrantes poderiam ter aumentado a estatística do êxodo rural, ou terem se transformado em “bóias-frias”, assim como milhares de camponeses. Eles fogem a essa regra, saindo da posição de sujeitos passivos, diante das transformações do campo e passam à posição de sujeito transformadores desta realidade. A migração simboliza, portanto, além da defesa de seus direitos à terra a luta pela defesa de sua História. (SILVA, 2004.)

Percebeu-se, por meio das fontes, que as viagens de seus estados de origem para Roraima eram realizadas com poucos recursos, sem planejamentos maiores ou estrutura. A trajetória do deslocamento dos estados de origem era já muito complicada. Na mudança, geralmente, traziam o estritamente necessário. Assim era incluída a pouca roupa, os poucos utensílios domésticos, alguns animais (galinhas, porcos, cachorros, etc.). Tudo vinha em paus-de-arara, e outros vinham em ônibus fretados por grupos de famílias que se uniam para dividir o custo da viagem e depois alugavam embarcações fluviais Manaus a Caracarái.

Aqueles que vinham pela BR-319, seguiam até Rondônia e de lá até a BR-174. Toda a alimentação era feita ao longo da viagem em fogareiros, à beira dos rios e igarapés, áreas que eram usadas para fazer as principais paradas. Esse era o espaço para lavar roupas, tomar banho e fazer as principais alimentações do dia durante a viagem.

Esta viagem é relatada pela esposa do senhor Argemiro a senhora Enésia Aparecida Rodrigues:

Nasci no Paraná, em Ponta Grossa, perto de Curitiba. Meu pai é agricultor, trabalhava na roça com batatinha e plantação de fumo [tabaco]. O meu pai não era o dono da terra. Aí viemos para cá de ônibus, gastamos oito dias para chegar porque nossos próprios amigos disseram que era bom para plantar, viemos direto para Boa Vista e depois para o Taiano. Passamos dois anos trabalhando em uma fazenda. Somente depois viemos para essa região, quando o meu pai tirou um pedaço de terra às margens do Rio Anauá, onde

tínhamos que andar de canoa. Quanto às dificuldades [silêncio, choro] a maior dificuldade foi quando a minha mãe adoeceu, fez uma cirurgia e ficou internada e eu era criança, porém a mais velha dos meus irmãos, tive que cuidar da casa e deles porque meu pai estava desempregado, trabalhava mais de diária. A importância de ter a minha própria terra é porque a gente pode plantar tudo e melhor e acabamos gostando daqui e não queremos mais voltar.

Na entrevista a seguir, o senhor Eupídio Leite Araújo³, também fala sobre sua viagem para Roraima, pela BR-319, vindo diretamente de Rondônia para São João da Baliza. Percebe-se neste caso que essa família segue praticamente o mesmo percurso dos fluxos migratórios. Percebeu-se que em sua maioria saem do Nordeste para o Centro-Oeste, em seguida do Centro Oeste para Rondônia, de lá para o Estado do Pará, e finalmente aportam no Amazonas e Roraima, por via terrestre ou fluvial.

Estatrajétoria foi realizada pelo trabalhador rural Eupídio Leite a seguir:

Eu sou da Bahia, fui criado no Mato Grosso, primeiro tive um estágio em Rondônia onde vivi onze anos na cidade de Ouro Preto(...). Em Rondônia estávamos bem estruturados na agricultura, tinha uma área boa de milho, feijão e arroz. Inclusive trabalhava com semente de arroz e milho fiscalizada para plantio em outros estados. Em 1978 até 1981, trabalhei em Mato Grosso e em Rondônia com a semente fiscalizada por causa disso passei a ter conhecimento das regiões da Amazônia, onde vendia muita semente para Roraima, era semente para plantio. Depois meus pais vieram para Roraima e gostaram muito e a gente acabou mudando, a minha chegada em Roraima foi em novembro de 1983, onde estou até hoje, na época tinha estrada a gente vinha de Porto Velho a Manaus por estrada era a BR- 319, que hoje não existe mais, mas já estão recuperando e vai voltar a funcionar novamente.⁴

A BR-319, citada pelos depoentes, foi inaugurada em 1973 durante o Regime Militar (1964-1985). Por esta rodovia milhares de famílias trafegaram com destino a Roraima. Poucos anos se passaram e esta tornou-se intransponível.⁵

A partir de 1975, se intensifica a chegada dos paus-de-arara e de ônibus, com cinco a seis famílias trazendo suas mudanças, passaram a acampar na antiga vila do INCRA, e ou seguiam direto em busca de tirar seu lote, ou como eles afirmam “fazer

³ Atualmente diretor do sindicato de São João da Baliza e um dos membros mais antigos do sindicato. Tem 55 anos, é cearense, criado no Mato Grosso e reside no município do Baliza com sua esposa e filhos.

⁴ Entrevista realizada com o Sr. Eupídio Leite Araújo. São João da Baliza (RR), junho de 2005.

⁵ Em 2005 o Governo Federal anunciou a recuperação da BR-319. As obras começaram em 2008.

sua picada”. A citação a seguir da senhora Verônica relembra este período:

Os homens faziam os picadões com os próprios agricultores, uns ajudando o outro e o governador nos dava farda para a escola, calçados, cestas básicas todo mês, cesta de Natal e a minha família ficou morando quando chegamos numa casa alugada no Baliza, cinco meses depois mudamos para a beira da BR 210, então meu marido, os filhos, genros e a filha trabalhavam na roça plantando arroz, milho e mandioca. Eles tinham que ficar lá porque o picadão era muito ruim dava vinte e cinco quilômetros e só dava de ir a pé. Dava muita malária, muita mesma, hepatite, derrames⁶.

Mesmo sem a intervenção oficial, a colonização não era ilegal uma vez que se tratava de terras devolutas ou do INCRA, e existiam regras de organização e distribuição dos lotes criadas pelos próprios migrantes, ou seja, mesmo diante de uma aparente falta de leis e da presença do Estado existia uma organização.

É possível afirmar que estes migrantes poderiam ter ido para Belém, Manaus, ou outras capitais da região Norte, porém, deslocam-se direto para a área rural fato que ratifica nossa afirmação quanto a analisar a migração enquanto estratégia importante no processo de resistência à expropriação e ao latifúndio no campo sofrido por estes em seus estados de origem.

As Estratégias de sobrevivência: Construindo as experiências sociais na terra.

Mas no olhar de todos pode se ler a vontade de vencer e ficar, de oferecer para seus filhos um futuro melhor, através de seus esforços e da união para a vitória. (Jornal Folha de Boa Vista -1978).

A migração constituiu a primeira estratégia de resistência passa a ser o pano de fundo de novos cenários dentre estes a conquista da terra e as dificuldades de permanecer na terra, algo que se tentou sintetizar os indícios ou raízes. O modo de vida dentro das vicinias que se localizavam dentro da floresta fundamentou uma consciência

⁶ Entrevista realizada pela autora com Verônica Lima, migrante oriunda de Minas Gerais. São João da Baliza (RR), junho de 2006.

da necessidade de viver da natureza algo que passou a está intrinsecamente ligado a cultura destes migrantes, ou seja, suas vidas se entrelaçaram com a vida da floresta.

A matéria publicada pelo jornal Boa Vista de 22 de Setembro de 1978, evidencia as dificuldades enfrentadas e a necessidade dos trabalhadores viverem da própria floresta:

Agricultores da BR-174 e BR-210, Lutam para Vencer. Como é de conhecimento de todos a agricultura de nosso Território ainda se encontra numa fase crítica, em relação a outras áreas cultivadas do Brasil, afora podemos tomar como referência a batalha progressiva de agricultores recém instalados em nosso Território vindos por exemplo do Maranhão, Goiás e Rio Grande do Sul. Estes agricultores enfrentam uma fase muito difícil, principalmente em relação à inexistência de alimentos portadores de proteínas e gorduras, alguns se encontram no segundo ou terceiro ano de instalação enquanto outros acabaram de se instalar. Portanto nesta região não existe carnes bovina, suína ou galinhas, pato e outros. Eles tem que apelar para a caça selvagem.

A matéria evidencia que foi às duras penas, nos sofrimentos diários, e na ausência até mesmo de alimentos, uma vez que suas roças ainda estavam sendo feitas. Acredita-se que esta integração vida/natureza, está associada diretamente com a própria necessidade de utilizar o conhecimento tradicional. Nas cascas e folhas das árvores, buscaram a cura de suas doenças, por meio da medicina natural⁷, uma vez que havia ausência de médicos, hospitais e medicamentos.

As doenças eram várias, além disso, outras doenças alcançavam grandes números de colonos como a hepatite, leishmaniose e a tuberculose. A ausência de estradas e pontes piorava a situação dos doentes, em especial, das parturientes, como relembra a senhora Enesia,⁸ “*Foram inúmeras as mulheres que morreram com seus filhos atravessados na barriga, não tínhamos pontes aqui na Perimetral, mesmo*

⁷ Este fato é confirmado pelos altos índices de doenças que enfrentaram, uma vez que, deixados à própria sorte, tiveram que busca a cura na própria natureza, na medicina natural, quando possível.

⁸ Entrevista realizada pela autora com a Sra. Enésia na Vila Moderna no município de São Luiz do Anauá (RR), fevereiro de 2009.

grávida eu e meu marido não tínhamos como chegar a Boa Vista.”⁹

Outra dificuldade enfrentada foi a ausência de venda de gêneros alimentícios, assim como a falta de produção agrícola. Dessa forma a alternativa encontrada foram os próprios frutos das árvores, do uxi, da castanha, do piquiá, da bacaba, do buriti, do tucumã que, ao caírem, trazem para baixo destas árvores as caças como a cutia, a capivara, o porco do mato, a anta e outros. Os rios representam à limpeza, a higiene pessoal, a preparação dos alimentos e da terra, além de fornecerem os peixes, as tartarugas, o camarão, pratos essenciais na alimentação regional.

As bebidas são preparadas à base da mandioca, do milho, do açaí, do buriti, do abacaxi. Os rurais retiram da floresta não só produtos para sua alimentação, mas também como utensílios: jóias, móveis, além da construção de suas casas e transportes como a canoa. Assim, é impossível separar sua identidade, cultura e modo de trabalho, das experiências adquiridas no seu modo de vida.

Quanto ao trabalho na terra os mutirões aparecem repetidas vezes nas falas dos migrantes, o que acaba demonstrando que estes eram frequentes, esta relação de solidariedade foi fundamental para sua sobrevivência no início dos assentamentos. A ausência de equipamentos e tratores nas vicinais¹⁰ dificultava as primeiras derrubadas para o cultivo da terra. Para derrubar a floresta, vários vizinhos se uniam para fazer a trabalhar coletivamente e em seguida o dono deste lote contribuía na derrubada do lote do seu vizinho. Este sistema também conhecido como “troca” foi uma prática importante e utilizada por vários anos.

Outra importante estratégia foi a Família, esta foi decisiva para a permanência dos migrantes em Roraima. As famílias que chegavam eram constituídas não somente pela esposa, marido e filhos (as), mas, incluía cunhados, netos (as), sogros, sobrinhos, enfim criava-se uma rede dos familiares que estavam aqui com os demais que ficaram em outros estados. Porém, muitos homens solteiros também chegavam à região e logo se casavam para constituir família. O grupo familiar passava a gerir as principais relações sociais vivenciadas na comunidade. Este laço forte pode ter sido influenciado

⁹ Aponte sobre o Rio Branco, na BR-174, só substituiu o uso das Balsas no ano 2000.

¹⁰ Devido a esta precária situação dentro dos lotes, a bicicleta era o único instrumento de transporte.

por dois fatores: a separação e a distância dos demais membros da família como pais, avós, irmãos, e o medo da solidão, e a necessidade da força de trabalho familiar na agricultura, além do isolamento do lote, da vicinal, pois estavam distante dos grandes centros urbanos, cujo município mais próximo era Caracaráí.

Esta relação com a família fica clara nas palavras do senhor João Pereira:

Casei no Goiás e trouxe a minha família e a família da minha esposa, tivemos sete filhos, lembro que essa mais nova, que é esse aí (aponta para filha), só comia massa de macaxeira lá em Goiás, e aqui nós não tinha onde comprar, não tinha comércio, não tinha nada e eu fui daqui pro Km “500” buscar macaxeira para fazer uma massa. Fui de manhã e cheguei somente no outro dia de tarde. Esse que é dono desse escritório bem aí é filho meu, que hoje é formado, é doutor, é tudo... Quando ele nasceu eu fui comprar, que o maranhense é cheio de chove não molha, não come carne de caça, só frango ou carne de gado quando ganha filho. Assim fui pra Caracaráí comprar carne, fui de pé comprar carne pro resguardo dela... Andando na estrada e com medo dos urubus arrodar... Eu cheguei no 500 tinha só um quarto de carne... Chegando lá retalhei a carne, botei aquela ossada no varal pra enxugar um pouco, a ossada mais grossa nós comemos na casa do Xicão... E botei nas costas, isso já era umas três horas da madrugada, botei nas costas num jamaxim com a carne dentro. Lá por umas onze horas os pés não aguentavammais, meio dia, sol quente sai do Km 500, quando foi umas sete , oito horas da noite eu estava aqui, com a carne, mas era uma carne podre, foi uma aventura, o que não se faz pelos filhos e por uma mulher recém-parida.

Como se observa no depoimento as relações sociais giravam em torno da família, estas se reuniam em visitas nos finais de semana, no lazer, nas festas juninas, nos jogos de futebol, todos os moradores jogavam. As famílias se uniam nos finais de semana na igreja, nas festas, nos almoços, esta relação também deve ser vista como gestação de uma futura organização coletiva.

Dentre estas estratégias uma despertou grande interesse na pesquisa, o abandono ou a venda do lote dentro dos assentamentos foram constantemente citados nas entrevistas. E este acontecimento já havia sido registrado por NilsomCrócia de Barros (1995) e JeanHebette (2004). No entanto, este fato era uma incógnita. Buscou-se compreender na fala destes assentados (quando narraram as suas migrações internas dentro das viciniais), o porquê de após tanta luta e dificuldades enfrentadas para chegar à terra própria, estes se desfaziam do lote com uma aparente facilidade.

Não seria irônico lutar pela terra e depois abandoná-la? O discurso no cotidiano social e político apontam a “malandragem”, a “preguiça” e a falta de “vocaçãõ” como causas deste acontecimento. O verbo abandonar é muito citado nos depoimentos, ao relatarem o abandono de sua família, o abandono de seu local de origem, o abandono dos amigos e o abandono de outros estados na própria região amazônica.

Da mesma forma, abandonar seu lote possui significado mais profundo que o simples deixar pra trás, ao perceberem que não iriam melhorar suas condições de plantio, de colheita e principalmente que teriam dificuldades no escoamento da produção, parte desses colonos iniciam uma nova migração interna, no mesmo assentamento ou, até mesmo, dentro da própria vicinal. Outros encontram uma nova forma de obter recursos financeiros, vendiam o lote que já estava com melhores condições para trabalhar, e mudavam-se para lotes mais afastados.

Essa estratégia foi muito usada para suprir a ausência de apoio financeiro necessário para realizar alguma benfeitoria, compra de equipamento como motor serra, bombas de água, construção de casa, e a aquisição de animais de criação. Muitas vezes ainda os assentados vendem um lote onde a permanência é mais difícil e buscam novamente ocupar ou “conseguir” outro. Outras vezes, eles conseguem mais de um lote, colocando-o no nome da mulher, do cunhado, enfim, de algum parente mais próximo. Acabam vendendo estes, e com o dinheiro investem em benfeitorias como casa, cerca e curral.

Assim, o abandono do lote não é apenas desistência, mas aqui se encara como uma estratégia de resistência, pois Roraima representa a última esperança e também a última fronteira para muitos que já rodaram o Brasil de Norte a Sul. O que se chamou de abandono do lote, não significou o seu abandono propriamente dito. A fala a seguir do senhor Jaider evidencia o abandono do lote em Rondônia por conflitos com indígenas:

Eu sou Mineiro, morei seis anos em Rondônia, lá consegui uma terra pelo INCRA, só que numa área indígena os índios eram bravos, por pouco não fui flechado. Comecei a trabalhar nessa terra, quando os índios descobriram não deixaram ninguém entrar nas terras. Então abandonei, depois não consegui mais terra. Peguei minha família e vim para Roraima. Vim no pau de arara, caminhão coberto com uma lona em cima, nesse caminhão vem de tudo. Foram seis dias de viagem, tomávamos banho, fazíamos comida, dormíamos na estrada, etc. Éramos

quatro famílias, todos rurais... Mas o rural sai pelo espírito aventureiro, conhecer novas pessoas, buscar terra e lá sempre o mesmo trabalho, entra ano sai ano, e nada de crescimento financeiro, com tudo isso sentimos a necessidade de sair pelo mundo a fora, conhecer outros lugares e tentar a vida longe. Eu que morava em Central do Montena (Governador Valadares), em Minas Gerais, quando cheguei aqui, fiz três canteiros de verduras, vendia para sobreviver, com essa venda sustentei minha esposa e cinco filhos, durante oito meses.

Então comecei a trabalhar no lote, mas peguei muita malária que ia e voltava, até que abandonei o lote, pois achava que ia morrer de tanta malária, até conseguir outro no local melhor.¹¹.

Nas últimas linhas, Jaider da Silva acrescenta que enfrentou muitas dificuldades em permanecer lá, então abandonou e migrou novamente, já não lembra quantas vezes o teria feito. Ou seja, este processo de mudança e abandono de lote é resultado de diversos fatores e tornou-se uma estratégia também. Retomar todas estas estratégias nos fez compreender os indícios de um movimento dentro das vicinias, com diversos mecanismos desenvolvidos para conseguir permanecer na terra. Dentre estes: a família, a solidariedade, a medicina natural, os alimentos retirados da floresta, a amizade entre os vizinhos, as reuniões da comunidade de base. Todas estas estratégias foram uma espécie de incubadora, um laboratório que deu início a futuras organizações sociais e a construção da consciência de classe.

Este fato fica evidenciado pelas entrevistas com as lideranças dos movimentos sociais quanto à possível experiência dos assentados em movimentos sindicais ou populares nos seus estados de origem. Em todas as entrevistas realizadas e nas conversas informais, ficou constatado que estes nunca haviam participado de movimentos sociais, ou que a sua organização política tenha partido de uma liderança específica, mas foi movida pelas necessidades comuns a todos.

Constatou-se que todas as lideranças que se envolveram no sindicato eram da Região Sul, principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Como afirma João Secon, um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Luiz do Anauá:

¹¹ Entrevista realizada pela autora com o Sr. Jaider Ferreira da Silva. São João da Baliza (RR), junho de 2005.

A fundação do nosso STR teve o apoio do padre Nilvo e da CPT-Amazonas, naquela época nós que organizamos o Sindicato junto com os companheiros do Baliza, a Rosangela, o Quintino, o Santos e o Pedro Martins. Eu lembro que eram todos sulistas e de Minas, apesar de ter também muita gente do Nordeste aqui, os que estavam à frente eram lá de baixo, nós criamos associações, fazíamos documentos para o Governo, pressionávamos os Prefeitos, a luta pegava fogo. Até hoje lutamos arduamente por educação e principalmente pelas estradas que é o nosso maior entrave.

A conquista da terra veio acompanhada de frustrações, conflitos, reivindicações por políticas voltadas à permanência na terra, para alcançar isto era necessário um movimento organizado, capaz de representar estes anseios.

Na Perimetral Norte as primeiras reuniões para organizar manifestações coletivas em busca da melhoria, principalmente, da estrada, saúde e educação, ocorreu no Município de São João da Baliza. No entanto, já existiam cooperativas e associações criadas pelos trabalhadores rurais.

A primeira mobilização foi organizada pela comunidade para levar dezenas de rurais até a capital Boa Vista e pressionar o Governo do ex-Território a designar máquinas para trabalhar na Perimetral Norte que, por três meses ficou sem acesso à BR-174, em virtude do inverno. A situação das famílias era desesperadora sem possibilidade de tráfego, não chegava nem mesmo a ambulância para retirada de doentes. Os ônibus tinham que chegar até certo trecho, depois os moradores seguiam a pé, como relembra um dos precursores deste movimento, Leon Silva: *“Um grupo de trabalhadores veio andando desde o Baliza até o município de Rorainópolis, seguindo até Boa Vista para fazer acampamento em frente ao Palácio do Governo e INCRA”*.¹²

Quanto a esta consciência o Historiador Inglês E. P. Thompsonem sua obra *Costumes em Comum* se refere à resistência dos trabalhadores rurais ingleses, mostrando que não foram apenas as “vanguardas operárias” que empreenderam a resistência face às transformações estruturais causadas pela afirmação do capitalismo naquela sociedade, e nega a submissão e passividade do comportamento histórico ao conjunto de leis e teorias universais que abrangem todas as esferas da ação humana e,

¹² Entrevista realizada pela autora com o Sr. Leon Silva, ex-diretor do sindicato de Baliza. Boa Vista (RR), janeiro de 2010.

neste sentido, propõe uma interação dialética entre a experiência e a consciência social¹³.

Dessa forma, o autor evidencia a importância da experiência social, e neste sentido evidenciou que os camponeses pobres da Inglaterra nem sempre foram os perdedores em suas lutas, mesmo que as ações mostrem que “a resistência era mais rabugenta do que vibrante”.¹⁴

Esta experiência social somada ao apoio, orientação e formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) - Regional Amazonas, coordenada na época pelo Pe. Jesuíta Albano Serno, iniciaram-se primeiras viagens dos trabalhadores rurais com destino à cidade de Manaus, para participarem de encontros de formação de lideranças promovidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), como relembra o Pe. Nilvo Pasa:

Quando comecei a viajar pra essa região foi em 1979, dávamos apoio a todas as comunidades da BR-210 e BR-174 da Região Sul e Sudeste. Entramos em contato com a CPT para ajudar na formação das lideranças rurais, chegavam a ir quinze, vinte trabalhadores e trabalhadoras rurais, tinham que viajar de caminhão porque não havia ônibus aqui, eles dividiam era meia carga de banana e meia carga era de gente. Tinha gente do Caroebe, Baliza, São Luiz, Nova Colina, Rorainópolis, eles escreviam boletins que eram publicados pela CPT denunciando a situação dos agricultores.¹⁵

Nesta época, parte da Igreja Católica estava inserida fortemente nos movimentos sociais do campo e foi de fundamental importância na construção e fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João da Baliza e São Luiz do Anauá. Contavam com o apoio da Paróquia de São João Batista e São Luiz, coordenada pelos Missionários, já citados, Diocesanos de Santa Maria do Rio Grande do Sul: Nilvo Pasa e Vitélio Pase, todos ligados à Teologia da Libertação contribuíram para a participação das lideranças rurais de Roraima nos encontros de formação política realizados no estado do Amazonas.

Esses missionários realizavam viagens em toda a BR-174, nas vilas de Nova Colina, Martins Pereira, Novo Paraíso dentre outras, esta integração contribuiu com

¹⁵ Entrevista com o Padre Nilvo Pasa. São Luis do Anauá (RR), julho de 2010.

identificação e formação das lideranças rurais como: Leonídio, Rosangela, Clair, Juarez, Helena, Borba, Santo, Leon, Edivirges, Secon e outros que trilharam caminhos na direção do Sindicato Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STR, do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC, na construção do núcleo regional no Partido dos Trabalhadores (PT) e mais tarde da própria criação da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - FETAG.

As experiências cotidianas que ocorreram em torno de reuniões para organizar: manifestações públicas na capital, encontros das comunidades eclesiais de base nas comunidades católicas, encontros de formação realizados em Manaus pela CPT- Amazonas e nas confraternizações de amigos, possibilitaram o reconhecimento de que a luta não deveria ser somente no seu grupo.

Foi no início da década de 1980, que os trabalhadores e trabalhadoras rurais tiveram que marcar decisão entre abandonar seus lotes e migrar para a capital Boa Vista, ou ficar e partir para o enfrentamento político em defesa da permanência na terra.

Foram as experiências sociais dos trabalhadores rurais, a partilha e a identificação destas manifestações individualmente vivenciadas que levou à percepção da necessidade de se ter uma entidade representativa, surgindo a discussão da possibilidade e necessidade de criação de um Sindicato Rural que envolvesse os diversos segmentos sociais e lutasse por melhorias sociais para todos e todas.

O STR-Baliza foi criado em 1982, porém não se encontrou documentação deste período. Só existem documentos a partir do ano de 1989¹⁶, portanto, oficialmente, conforme documentação analisada, no dia dois de abril de 1989, foi criado já sob a nova Legislação Sindical o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João da Baliza, com a presença de 184 trabalhadores e trabalhadoras rurais cujo objetivo foi reivindicar melhores condições de vida, trabalho e produção.

Além da presença dos rurais consta nos Livros Ata do Sindicato a presença dos Diretores da Comissão Pastoral da Terra em várias assembleias, estes contribuíram com análise de conjuntura e na mobilização. Ao verificar ainda as atas das reuniões,

¹⁶ Livro Ata. Anos 1989, 02/04/1989. Arquivo do STR-Baliza, São João da Baliza, p. 1- 4.

constatou-se que havia uma forte participação dos trabalhadores rurais. Ficam evidentes ainda as reivindicações desse coletivo que se resumem a financiamentos públicos das colheitas; estruturação das vicinais, criação de escolas, postos médicos, programas de assistência técnica, construção de viveiros e estufas e a lista poderia ser estendida. Porém, o grande “gargalo” do assentado eram as estradas. E necessidade de título definitivo dos lotes.

Após a criação dos dois sindicatos nos municípios de Baliza e de São Luiz, são criados num breve intervalo de três meses as delegacias sindicais, passando a organizar reuniões coletivas com o sindicato de Caracará e Mucajaí, e realizar ações conjuntas na capital Boa Vista.

Estes em 1993 fundaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Estado de Roraima- SINTRAER. Atualmente o STR-Baliza está ligado a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura de Roraima FETAG/RR. Cujas organização está vinculada a criação do SINTRAER em 1993, fato que marcou o início da organização coletiva estadual.

Os Sindicatos Rurais existentes no Estado que já estavam filiados a Central Única dos Trabalhadores de Roraima CUT/RR, criada em 1999. A partir dessa integração entre os STRS, a CUT/RR, o Movimento de Mulheres Camponesas-MMC, ficou mais fácil organizar o I Congresso Estadual dos Trabalhadores Rurais, onde foi eleita a diretoria provisória da FETAG/RR em Assembléia Geral, conforme ata do dia dois de Setembro de dois mil, realizada no município de São João da Baliza, com a participação dos STRs, de Caroebe, São Luiz, Caracará, Mucajaí e São João da Baliza

A atuação destes movimentos sociais do campo foi fundamental na defesa da agricultura familiar na luta por condições dignas para esta classe que ainda sofre com a ausência de eletricidade, saúde, educação, estradas e assistência técnica, pois os recursos não chegam aos seus destinos e somem nos ralos da corrupção num estado que se envolve cotidianamente em escândalos nacionais.

Outra conclusão a que se pôde chegar é de que os governos municipais, assim como os governos estaduais de Roraima, historicamente têm uma forte resistência em

assumir a vocação agrícola do estado, voltada para a agricultura familiar. Atualmente o estado de Roraima possui quinze municípios, sendo que os municípios de Rorainópolis, Caracaraí, Mucajaí, Iracema, Cantá, São Luiz do Anauá, São João da Baliza e Caroebe, correspondente a 60% dos municípios do estado e estão localizados em torno dos projetos de assentamento e colonização.

Fontes:

Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - Sede do Sindicato em São Luis do Anauá, RR.

LivroI: Livro Ata, 1992.

Jornal Boa Vista, 16 de agosto de 1978

Jornal Boa Vista, 22 de setembro de 1978

Entrevistas

Entrevista com o Sr. João Secon. São Luiz do Anauá, RR, Setembro de 2003.

Entrevista com a Sra. Verônica Rosa Lima. São João da Baliza, RR, Junho de 2005.

Entrevista com o Sr. João Pereira. São Luiz do Anauá, RR, Janeiro de 2010.

Entrevista com o Sr. Leon Silva. Boa Vista, RR, Janeiro de 2010.

Entrevista com o Padre NilvoPasa. Boa Vista, RR, Julho de 2010.

Referências Bibliográficas

BARROS, Nilson Crócia de. **Roraima – Paisagem e Tempo da Amazônia Setentrional**. Recife: UFPE, 1995.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Cidades da Floresta: uma incursão no Urbano Amazônico. Boletim da Associação Nacional de Pós Graduação em Pesquisa, nº 08, 2007.

FENELON, Déa, MACIEL, Laura, ALMEIDA, Paulo e KOURY, Yara (Orgs).

Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais.** São Paulo: Loyola, 2009.

HEBETTE, Jean. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** Vol. I. Belém: UFPA, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LINHARES, Maria Yedda. **Terra Prometida: uma História da questão agrária no Brasil.** Rio de Janeiro. Ed. Campus. 1999.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. **Direito a Terra no Brasil: A gestão do conflito – 1795-1824.** São Paulo: Alameda, 2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Amazônia: Monopólio, expropriação e Conflitos.** 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil.** Brasília: UNB, 1990.

SILVA, Maria Aparecia Moraes. **A Luta Pela Terra.** São Paulo: Editora UNESP, 2004. SILVA, Maria Aparecia Moraes. **Errantes do Fim do Século.** São Paulo: UNESP, 1995.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Vol. 1: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.